

Cadernos de

Arqueologia e Património



4/6

Câmara Municipal de Paredes de Coura
Gabinete de Arqueologia e Património

1995/97

CADERNOS DE ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO

N^{os} 4, 5 e 6

PAREDES DE COURA - 1995/97

ISSN: 0872-0983

Depósito Legal: 68217/93

Edição: CÂMARA MUNICIPAL DE PAREDES DE COURA

Direcção: Fátima Matos da Silva

Colaboradores deste volume: António Pereira Júnior
Carlos Alberto M. Gouveia da Silva
David Barreiro Martínez
Fátima Matos da Silva
Felipe Criado Boado
Jorge Fernandes Alves
José Aníbal Marinho Gomes
Nicolas Marín Díaz
Paula Cristina Pereira de Oliveira
Victoria Villoch Vázquez

Apoio: Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Impressão: HUMBERTIPO - Porto

Distribuição: E.C.L. - Empresa de Comércio Livreiro S.A. - Porto

Tiragem: 1000 exemplares

Capa: Miliário de Caracala (Adro da Igreja Românica de Rubiães)
Conceição Magalhães

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer forma ou meios, sem permissão, por escrito, dos autores.

*Solicita-se permuta. On prie l' échange. Exchange wanted.
Tauschverkehr erwünscht. Sollecitiamo intercambio.*

Gabinete de Arqueologia e Património
Câmara Municipal de Paredes de Coura
Largo Visconde de Moselos
4940 PAREDES DE COURA

CADERNOS DE ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO

N^{os} 4, 5 e 6

PAREDES DE COURA - 1995/97
ISSN: 0872 - 0983

Câmara Municipal de Paredes de Coura

SUMÁRIO

EDITORIAL

ANTÓNIO PEREIRA JÚNIOR

ARTIGOS

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA
*O Povoado Fortificado de Romarigães -
Resultados da Campanha de 1992*

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA
*O Povoado Fortificado de Cossourado:
Relatório da Primeira Campanha de Es-
cavações (1993)*

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA
NICOLAS MARIN DIAZ
*Os Miliários da IV Via Militar Bracara
Augusta-Asturica Augusta na área da Bacia
Superior do Rio Coura*

DAVID BARREIRO MARTÍNEZ
VICTORIA VILLOCH VÁZQUEZ
FELIPE CRIADO BOADO
*Hacia una metodología de evaluación de
impacto arqueológico: el Plan Eólico de
Galicia como modelo experimental*

JORGE FERNANDES ALVES
*Os Combates da Travanca na Restaura-
ção - Memória e Mitologia*

Página

JOSÉ ANÍBAL MARINHO GOMES
5 *As Últimas Gerações da Casa de Antas,
em Rubiães, da Casa do Outeiro, em
Águalonga, e da Casa de Vermoim, em
Castanheira - Paredes de Coura* 135

DOCUMENTOS

9 MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA
*Proposta de Classificação do Povoado
Fortificado da Portela da Bustarenga* 163

39 MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA
*Proposta de Classificação do Povoado
Fortificado de Cossourado ou Forte da
Cidade* 167

59 CARLOS ALBERTO M. GOUVEIA DA
SILVA
MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA
*Projecto de Musealização e Divulgação do
Povoado Fortificado de Cossourado -
Paredes de Coura* 179

VÁRIA

111 Paula Cristina Pereira de Oliveira
*Publicações recebidas a título de permuta
entre 1992 e 1997* 191

127 NORMAS EDITORIAIS 199

Página

O POVOADO FORTIFICADO DE COSSOURADO: RELATÓRIO DA PRIMEIRA CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES (1993)

THE HILL FORT OF COSSOURADO: FIRST EXCAVATIONS (1993)

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA *

RESUMO

Este trabalho pretende retratar os resultados obtidos após o primeiro ano de campanhas arqueológicas no povoado fortificado de Cossourado.

Palavras-chave: Idade do Ferro. Povoado Fortificado. Escavações arqueológicas.

ABSTRACT

This article describes the conclusions of the first year of excavations on the hill fort of Cossourado.

Key words: Iron Age. Hill fort. Archaeological excavations.

* Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense; Responsável pelo G.A.P. - Área de Arqueologia; Bolseira do Programa PRAXIS XXI.

Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense
Infante D. Henrique

Av. Rodrigues de Freitas, 339 - 4000 PORTO

FICHA TÉCNICA:

Desenho de plantas e perfis (campo e gabinete):
Fátima Matos Silva;

Desenho de materiais: Paula Cristina Oliveira.

Colaboradores na escavação arqueológica: Carlos Gouveia da Silva, Benjamin del Rio, Alexandra Rocha Pinto, Palmira Azevedo e Silva, Armindo Batata, João Vilanova, Antonio Estudillo, Francisco Gongora, Pluzanski Piotr, João B. Duarte, Paulo Gonçalves, Sónia Botelho, Paula Melo, Paula Rodrigues, António França de Jesus, Isabel Cunha e funcionários da secção de obras da Autarquia para trabalhos de limpeza da vegetação e transporte dos colaboradores.

1. NOTA INTRODUTÓRIA

A publicação deste artigo sobre o povoado fortificado de Cossourado, neste momento, deve-se, essencialmente, a factores relacionados com a divulgação do mesmo e, sobretudo, com a sua protecção, uma vez que está em curso um processo de classificação deste sítio arqueológico como Imóvel de Interesse Público.

Não pretende, de todo, ser um ponto de situação sobre o que conhecemos acerca deste povoado, na medida em que, após os dados que aqui relatamos, muitos outros foram descobertos, uma vez que se realizaram mais quatro campanhas de escavação arqueológica (nos verões de 1994, 95, 96 e 97).

Os trabalhos realizados nesta estação integram-se no Projecto de Investigação designado "Estudo, Musealização e Divulgação do Povoamento Proto-Histórico e Romanização da Bacia Superior do Rio Coura" e no Projecto de Carta Arqueológica da bacia superior do rio Coura.

A opção pela sua escavação arqueológica deveu-se a vários factores, decorrentes dos objectivos do referido Projecto de Investigação.

A topografia e tipo de construção das estruturas defensivas, a localização do povoado em elevação de destaque na paisagem, sendo pois um povoado de altitude, despertavam o interesse por um maior conhecimento do mesmo, estimulando dúvidas e hipóteses. Entre essas, podem-se referir a articulação com os povoados circundantes, nomeadamente o outro povoado em escavação (a Cidade de Romarigães) — um habitat de vale — ou, por exemplo, a exploração económica e a obtenção de matérias-primas. A perspectiva do seu relativo bom estado de conservação constituía, também, um aliciente.

2. A FREGUESIA DE COSSOURADO

A freguesia de Cossourado situa-se no extremo oeste do concelho de Paredes de Coura, a 9 kms da sede, e confina, em território courense, com as freguesias de Linhares e Rubiães, a nascente e a sul, respectivamente. Dela fazem parte os lugares de Cossourado, Couto das Cabras, Nogueira, Pecene, Peorada, Suadouro e Volência. Faz fronteira com o concelho de Valença, através da freguesia de Fontoura, e com o de Vila Nova de Cerveira, através da freguesia de Sapardos.

A sua área é caracterizada por "terreno montanhoso e pouco fértil" (LEAL 1874, 409).

Instituída logo nos começos da nacionalidade (1ª metade do século XII) no julgado de Fraião e arcediogo de Cerveira, esta freguesia aparece nas Inquirições de 1258 "já registada com o nome de Cossoyrado" (OLIVEIRA 1976, 21), palavra que, segundo alguns autores, deriva de Coto-Arado, segundo outros, de Cossoiro.

No período respeitante à Idade Média, as anteriormente referidas Inquirições de 1258 dizem-nos que a paróquia de Santa Maria de Cossourado estava dividida em "casais de herdadeiros vilãos, uns vinte ao todo", "fossadeiras" e que os lugares de Volência e Nogueira foram os primeiros agricultáveis.

Outra curiosidade prende-se com a existência de um casal, em Eira Vedra, com o nome de "D. Froyla", que pagava ao rei 3 soldos, e de uma pousada para o rico-homem, sendo obrigados os filhos e netos de Menendo Exemenendis a cobrir o "palácio" destinado àquele.

Em tempos recuados, esta freguesia foi anexada à de S. Martinho de Coura e era apresentada "em uma vida" por Manuel d'Eça de Guimarães, e "noura" por Agostinho Pereira d'Antas, de Fontoura, pelo que depois ficou a apresentação de S. Martinho para o padroado de Guimarães, enquanto o relativo a Cossourado foi para o de Fontoura.

3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO POVOADO

A Cidade de Cossourado ou Forte da Cidade, situada nesta freguesia, é um dos povoados fortificados mais conhecidos e referenciados deste concelho, tendo contribuído para a sua divulgação vários autores, nomea-

damente, Narcizo Alves da Cunha, especialmente através da sua monografia concelhia (CUNHA [1909] 1979).

José Avelino de Almeida refere no seu "Diccionario Abreviado de Chorographia", de 1866, a existência de "vestígios de castello e de grande fortificação, a que chamão cidade: dizem os antigos que se chamava Arnoia; mas o que alcança é que se chamava Cauca, donde vem o nome que se corrompeu em Coura. Affirmão que daqui foi natural o imperador Theodosio (...). As grandes columnas que estão em S. Bartholomeu de Antas [seis milários], daqui forão para lá. (...) Teve fossos e trincheiras com estradas cobertas, que servião aos Romanos de proteger as marchas dos comboios para os exercitos com que vieram conquistar Braga. (...). Logo mais, aonde se chama Rieiro, da parte do sul do rio Coura, na mesma via, estão ruínas de castello pequeno" (1866, 335). Pinho Leal (1874, 410) transcreve este texto, acrescentando que "a cidade" teria sido destruída em 717 pelos Arabes.

Nos "Commentarios a Dextero", de 382 d.C., refere-se *Cauca* como a pátria do imperador Teodósio e adianta-se que esta se situaria entre Braga e Valença: "*Haec hodie dicitur Cauca, inter Bracharam et Valentiam*". Da mesma opinião são as crónicas de Idácio.

Através dos tempos, a bibliografia tem situado esta cidade romana em vários locais do concelho: Cossourado, S. Martinho de Coura, Paredes de Coura, Cidade de Romarigães, Monte Murado (na Portela da Labruja), entre outros, sem, contudo, se chegar a qualquer conclusão.

O mencionado lugar de Rieiro situa-se na freguesia de Fontoura (concelho de Valença), a norte deste povoado, local onde passaria a via romana e onde existiriam "ruínas". Aí apareceram moedas romanas, entre elas um denário de Godiano (222-244 d.C.), que parece estar no Museu dos Biscainhos, em Braga (OLIVEIRA 1979, 162, nota 25).

4. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E POVOAMENTO ACTUAL

O povoado fortificado de Cossourado situa-se no lugar do Forte da Cidade, freguesia de Cossourado (16.05.04), concelho de Paredes de Coura (16.05) e distrito de Viana do Castelo (16).

A sua localização é a seguinte:

Coordenadas Planimétricas (v.g. Forte da Cidade):

UTM: X = 530.207,74; Y = 4.640.686,09.

GAUSS: X = 158.185; Y = 549.700.

Altitude: 375,71 metros.

Está cartografado no Mapa dos Serviços Cartográficos do Exército, na escala 1/25.000, de 1949, na folha nº 7 (S. Pedro da Torre - Valença), e na Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50.000, na folha 1-C (Caminha), de 1962.

Segundo a Carta Geológica e respectiva *Notícia Explicativa* (TEIXEIRA 1961), o povoado está situado numa mancha de rochas eruptivas, de granito alcalino de grão médio, de duas micas.

Nas proximidades, a oeste e sudeste, existe uma mancha do complexo xisto-migmatítico; a sul, uma outra de granito alcalino de grão grosso a médio, de duas micas; e a norte e nordeste o granito gnáissico.

Em termos geomorfológicos, trata-se de uma elevação que se distingue na paisagem pela altitude que atinge (evidentemente em relação à área onde se situa), tendo encostas abruptas. As encostas viradas a norte e oeste possuem menos declive por serem bastante extensas, com um perfil ovalado.

Abundam, pelo monte, afloramentos graníticos de grão médio e grosso com vestígios de extracção de pedra. Alguns deles encontram-se muito próximos do sector em escavação - Sector A. Tratam-se de afloramentos graníticos de grão médio, que possuem nítidos vestígios de guilho e pico. Estes vestígios encontram-se muito erodidos, o que lhes confere uma extracção com bastante antiguidade, encontrando-se pelo povoado, com facilidade, vários exemplos.

No cimo do monte existe um *plateau* de grandes dimensões, sub-circular, encimado por uma elevação onde se localiza o marco geodésico.

A rede hidrográfica é abundante, passando a pouca distância, a leste e SE, o rio Coura, com inúmeras linhas de água mais próximas, como a Ribeira das Quintãs, a oeste. Entre a segunda e terceira linha de muralha, a sul, existe uma nascente de água.

Segundo estudos actuais, a estação está implantada numa mancha de solo com aptidão florestal. A leste e SE existem manchas de solo com aptidão agrícola e outras pertencentes ao complexo A + F (misto de aptidão agrícola e florestal).

Em termos de florestação, o monte, nesta altura, estava coberto por vegetação rasteira de tojo e urze, dado ter sido queimada toda a vegetação arbórea (pinheiro) que o cobria.

O povoamento actual, em todo o vale que circunda o monte, é disperso. Na base, a NE, situa-se a igreja e o cemitério de Cossourado. A oeste, a povoação de Sapardos, já pertencente ao concelho de Vila Nova de Cerveira.

5. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Na base do monte, a leste, passaria a via romana *Bracara - Astorga*, havendo nas freguesias limítrofes (Coura, Rubiães e Sapardos) vários miliários. Refira-se, ainda, a ponte romano-medieval sobre o rio Coura, assim como outros vestígios do povoamento romano, nomeadamente cerâmica.

Em relação ao povoamento "megalítico", esta zona é bastante pobre, não havendo actualmente vestígios desta época, apesar de existirem referências bibliográficas de autores do século passado.

6. TOPOGRAFIA E CARTOGRAFIA

O levantamento topográfico do povoado foi pedido ao G.A.T. do Vale do Minho, em 1991, na escala 1: 500, pela Câmara Municipal de Paredes de Coura. Até ao momento, tal pedido ainda não foi alvo de exequibilidade.

No entanto, elaborámos a topografia do sector escavado e fizemos a sua inserção na rede geral, com a ligação da área cartografada à Rede Geodésica Nacional, através do Sistema U.T.M..

A zona inicial de escavação foi constituída por um sector: o Sector A, com uma área de 72 m² (rectângulo de 18 x 4 m), dividido em 18 quadrículas de 2 x 2 m. Posteriormente, com a evolução da escavação, houve a necessidade de se alargar a quadrícula (a Sul), duplicando-se o número de quadrados, formando mais duas fiadas, incompletas, num total de oito quadrículas, com 32 m², que, somados aos anteriores, nos deram uma área quadriculada de 104 m².

O relacionamento cartográfico do sector de escavação foi efectuado pelo método do "transporte de coordenadas" da estação central (v.g. Forte da Cidade) para um dos lados da figura geométrica que define o sector.

Este foi munido de um ponto fixo para cotagem, situado junto ao ponto de origem da figura geométrica (canto SE), na base do "torreão". A altitude deste ponto foi determinada por nivelamento geométrico a partir do vértice geodésico referido ($Z = 375,71$ metros). Assim, a origem altimétrica do Sector A corresponde a 366,77 metros, existindo um desnível de 8,94 metros entre o ponto de origem da quadrícula e o vértice geodésico.

7. O POVOADO

O povoado situa-se no cimo do monte e na sua vertente, sensivelmente entre as cotas 325 (e inferiores) e 375,71, representando esta a altitude máxima.

As dimensões do recinto ultrapassam os quatrocentos metros de comprimento (sentido SSO-NNE) e os duzentos e cinquenta metros de largura (sentido N-S), sendo pois um povoado de grandes dimensões que atinge os 10 hectares de área.

O perfil do monte é bastante arredondado, com uma extensa chã no cimo (com algum pendor), rodeada pela primeira linha de muralha, em pedra e terra.

As muralhas são em número de três. Uma rodeia a *acrópole* e o montículo central (cota, na base, de 367 metros, com c. de 40 metros de diâmetro), contornando uma área de cerca de 110 metros⁽¹⁾ de largura, no sentido N-S, e 150, no SSO-NNE.

A segunda cintura de defesa, ou intermédia, passa sensivelmente a uma cota que varia entre os 366 metros, a SSE, e os 360 metros, a oeste. Circunda uma extensão de 200 metros, no sentido N-S, e 260 metros, no sentido SSO-NNE. Na encosta leste esta muralha passa a externa, não forma um círculo fechado, dado que continua formando a externa e terceira.

Esta terceira linha localiza-se, sensivelmente, a uma cota de 350 metros de altitude, no lado oeste, apenas existindo, como externa, na encosta oeste e sudoeste do povoado. A

norte aproxima-se da intermédia, podendo ter sido aqui a entrada do povoado. Cobre uma área com um comprimento aproximado, no sentido N-S, de 240 metros e no sentido SSO-NNE (medidos a partir do extremo NNE da cintura intermédia) de 310 metros.

Pelo que nos podemos aperceber, actualmente e com a ajuda da fotografia aérea - dadas as dimensões do povoado e a abundante vegetação - as muralhas 2 e 3 são uma só, não sendo fechadas mas enrolando-se em torno do monte, resultando numa planta em caracol.

Como foi referido, a defesa externa não forma um circuito fechado, sendo interrompida nos locais de defesa mais fácil e, evidentemente, de encosta mais abrupta, existindo apenas duas nesses locais.

Actualmente possuem, em média, uma altura que oscila entre os dois e os três metros, sendo a sua localização relativamente fácil, embora o crescimento rápido da vegetação arbórea (pinheiro) a torne cada vez mais difícil.

Pelo que podemos vislumbrar, o seu sistema construtivo é variável. Utiliza-se apenas a terra, com muito pouca pedra, ou uma estrutura em grandes blocos de pedra. As futuras sondagens serão, por ventura, mais esclarecedoras.

No cimo do monte existe uma elevação, como se de uma volumosa mamoa se tratasse (onde assenta o marco geodésico), que, eventualmente, em analogia com a Cidade de Romarigães, poderá ser a base de um "torreão" de vigilância⁽²⁾, no qual poderia assentar uma estrutura que elevaria o posto de vigia e, evidentemente, a visibilidade. Contudo, várias outras hipóteses se podem colocar.

Este "torreão" tem uma configuração cónica e foi construído em terra com muita pedra. Desconhecemos se se trata de uma estrutura com uma construção projectada e elaborada.

(1) As medidas são evidentemente aproximadas e calculadas, em linha recta, a partir da Carta 1:10.000.

(2) Aliás, actualmente, só deste "torreão" é visível a Cidade de Romarigães, pelo que a sua não existência (quer do "torreão" de Cossourado como do de Romarigães) impossibilitaria, ontem como hoje, a visibilidade entre os dois habitats. Refira-se ainda que este povoado (Cossourado) tem visibilidade para quase todos os povoados desta região e que este tipo de "torreão" não existe em mais nenhum, além destes, da bacia superior do rio Coura.

Possui uma cota máxima de 375.71 metros (ponto mais elevado do povoado), e mínima de 366.77, na base, o que lhe confere uma altura de 8.94 metros. O seu topo é bastante extenso, possibilitando a construção de várias estruturas - o que parece confirmar-se.

Ainda não nos foi possível detectar com certeza a entrada (ou entradas) do habitat, embora pensemos que se situava a norte.

À superfície vislumbram-se vários alinhamentos de construções, dentro do primeiro pano de muralha e entre este e o segundo.

Este povoado fortificado possui visibilidade para vários habitats e para grande parte do vale do Coura, sendo aquele que mais facilmente se detecta de vários pontos do actual concelho de Paredes de Coura e de outros. A visibilidade, quando nítida, alcança mesmo o rio Minho e território, actualmente, espanhol.

Ao percorrer-se o monte encontram-se com alguma facilidade fragmentos de cerâmica indígena de utilização doméstica, nomeadamente fragmentos de vasilhas de armazenamento e de utilização culinária.

O acesso é relativamente fácil por estrada alcatroada até à igreja matriz de Cossourado, seguindo-se depois por estradão. Pela face NE do monte existe um outro estradão que não atinge o topo do monte.

Em relação à toponímia são vários os topónimos que o referem: Monte da Cidade, Forte da Cidade e Cidade de Cossourado.

Possui o número Nacional de Estação de 3628.

Foi por nós classificado na Carta Arqueológica Concelhia como PVF 1 - Povoado Fortificado de Cossourado, sendo também classificado no Plano Director Municipal.

8. A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA

O monte estava coberto por vegetação rasteira de tojo e urze, dado ter sido queimado o pinheiro que o cobria. O corte da vegetação foi feito por dois trabalhadores da Autarquia de Paredes de Coura.

A escolha do local onde teriam lugar as sondagens deveu-se não só ao que se conhece relativamente a este tipo de sítio arqueológico mas, também, devido ao facto de esta ser uma zona com pouco declive, menos sujeita a

fenómenos de escorrência; à ocorrência de alinhamentos circulares que pressuponham a existência de estruturas; e, ainda, ao facto de se situar entre o "torreão" e a primeira linha de defesa.

O Sector designado de A foi então implantado numa área com pouco declive que se desenvolve de sul para norte, com um pendor de dois metros (entre o ponto mais elevado — 366,87 — e o de menor altitude — 364,98), situada entre o "torreão" e a muralha interna, próximo da zona mais alta do povoado. Entre o ponto de origem do sector e o marco geodésico existe um desnível de 8,94 metros.

Materializou-se uma quadrícula de 18 x 4 metros e iniciou-se a escavação "em xadrez", abrindo-se quadrados alternados (A0, B1, A2, B3, A4 e B5), sendo a grande maioria escavada na totalidade (A6, B6, A7 e B7), dado que a evolução da escavação assim o ia ditando. Outros foram-no apenas em um metro (lado oeste - A2 e B5).

A grande maioria dos quadrados intervencionados (excepto o A2) apresenta grande quantidade de pedra proveniente do derrube das estruturas que os fenómenos pós-deposicionais trataram de deslocar.

Foi seguido o método de escavação arqueológica por decapagem horizontal.

Com o decorrer dos trabalhos, toda a quadrícula foi aberta, com excepção de parte dos quadrados referidos e do Qd. B2, na sua totalidade (s.v. planta do sector), conforme a necessidade de se visualizar em área os elementos que íamos encontrando.

Os únicos quadrados abertos até ao solo de base foram o B3, na totalidade, e o B1, em um metro. Revelaram-se praticamente estéreis, em termos de espólio (o B1 forneceu alguns fragmentos de cerâmica), e completamente no caso de estruturas. Possuem uma potência estratigráfica muito pequena, dada a existência de um afloramento granítico afeiçãoado intencionalmente (no B3, assim como no A4) e de um solo de base saibrento (Qd. B1).

A potência estratigráfica, na grande maioria dos casos, é muito pequena, não excedendo o meio metro e, em muitos casos, não o atingindo, no caso dos quadrados com maior inclinação.

Entre os quadrados A6 e B6 encontraram-se algumas pedras que nos parecem estar "in

situ", ou, pelo menos, próximas da sua localização original, formando uma pequena parede, no alicerce, com inclinação a norte. Aprofundámos cerca de 0,60 m, no A4, e 0,50 m, no A5, tentando definir a sua parede. No entanto, os fenómenos pós-deposicionais deslocaram a estrutura, restando apenas o alicerce. Na área do Qd. A4, o solo de base está coberto por muita pedra miúda.

Neste local, no nível 2, apareceram centenas de bagas carbonizadas, assim como fragmentos de carvão e inúmeros fragmentos de cerâmica (se comparados com outras áreas deste sector e desta camada estratigráfica). Toda a terra foi peneirada. A estrutura que aqui existiu encontra-se muito deteriorada.

Nos quadrados A0 e A1 encontrou-se uma estrutura que inicialmente nos parecia circular e que se prolonga pelos quadrados A1, M1, AA0, MM0 e NN0. Com o decorrer da escavação, verificámos tratar-se de uma edificação oblonga. Em volta desta abundam, também, as camadas de pedra de derrube.

Dentro desta estrutura e fora (em menos quantidade) foram descobertos inúmeros fragmentos de cerâmica, sementes, carvões, dois fragmentos de bronze e uma lâmina de ferro bastante deteriorada. Dado que escavámos parte da estrutura e apenas num pequeno quadrado (0,5 x 0,5 m), atingimos o nível 3, é provável que venhamos a retirar bastante mais espólio desta edificação.

No sentido de irmos descobrindo a sua planta e os locais por onde evoluía, tivemos que alargar a quadrícula, criando-se os quadrados N1, N2, M1 e M2, que não foram escavados, e os AA0, BB0, NN0, MM0, M0 e N0 que foram escavados nos locais onde existe a estrutura. No Qd. M0 esta apresenta-se bastante destruída.

Na área dos quadrados A0 e AA0, encostadas à construção, existem grandes pedras graníticas, colocadas de cutelo, que parecem ter por finalidade a sustentação da EST. 1.

A parede superior da edificação está, por assim dizer, adossada ao "torreão" central.

No actual ponto da escavação, não foi encontrado qualquer vestígio de ambiência romana, o mesmo acontecendo em relação à restante superfície do povoado, intensamente prospectada.

8.1 - As Estruturas

A estrutura detectada, que apelidámos de Estrutura 1, é constituída por pedra granítica, raras vezes aparelhada. Não apresenta vestígios de ter sido consolidada com argamassa, possuindo terras entre os interstícios, sendo, pois, uma construção em pedra seca ou vã. Está disposta irregularmente, com um aparelho de tipo irregular, ou *opus incertum*, com paramento interno e externo.

A construção é feita apenas com uma ou duas fiadas de pedras, não existindo enchimento entre as fiadas no caso da existência de duas, daí a sua largura diminuta. No caso de possuir apenas uma pedra, fazendo o paramento interno e externo, esta é de grande porte.

Possui um formato alongado, ovóide, com a extremidade sul, já escavada, circular.

A matéria-prima utilizada na estrutura é o granito de grão médio, existindo algumas em granito de grão grosso.

Nesta estrutura foi deixado um perfil estratigráfico, o 1 A, no qual é possível vislumbrar a camada de derrube, a sua inclinação e a possível altura da cabana.

A parede tem de espessura, em média, de altura 35 e 50 cm (até ao momento, dado que ainda não foi atingido o nível de base).

Na camada estratigráfica 1 e 2, dentro da estrutura da cabana 1 e circundando-a, foram detectados muitos carvões que recolhemos para análise. Alguma terra foi posteriormente peneirada e outra guardada para flutuação.

A **cabana 2** deveria ser, aparentemente, circular mas, dado o estado de destruição em que se encontram, é impossível confirmar esta hipótese.

A destruição da parede segue a inclinação do terreno. Em algumas partes apenas se detecta pela camada de pedras miúdas utilizada na base da construção, que, eventualmente, serviria como guia da edificação, para regularizar o terreno e o alicerce.

8.2 - A Estratigrafia

Foi analisado um corte estratigráfico, designado 1 A, no sentido, sensivelmente, leste-oeste, lado sul - situa-se dentro da cabana 1,

atravessando-a transversalmente. É relativamente caracterizador de todo o sector, que apresenta camadas estratigráficas idênticas, em número de três, caracterizadas da seguinte forma:

1 - Camada de terra humosa, de textura fina, pouco compacta, homogênea, com índices radiculares elevados e algumas pedras de derrube e de coloração acastanhada escura.

Neste nível ocorrem algumas pedras quer de derrube, quer outras que se conservaram "in situ". Esta camada existe em todo o sector.

2 - Camada de terra de textura fina, compacta, homogênea, com menor índice radicular e muita pedra de derrube e de coloração acastanhada.

No início desta camada encontram-se as estruturas (podendo, como se referiu, em algumas zonas aflorar à superfície na camada 1), e ocorre a grande camada de derrube habitual da proximidade de estruturas. Em outras áreas, onde não existem estruturas, a pedra é muito menos densa, confundindo-se com o nível 3. O espólio não é muito abundante.

Abaixo da densa camada de derrube que se detecta neste nível 2, ocorre alguma cerâmica, carvões e bagas carbonizadas. Quando se aprofunda, a concentração de pedra de derrube diminui e aumenta a detecção do espólio referido. Esta quantidade de pedra dificulta muitas vezes a determinação do nível em escavação. Por isso considerámos, por vezes, uma zona de transição entre o nível 2 e o 3.

8.3 - O Espólio

O espólio arqueológico encontrado apresenta-se bastante deteriorado e concentrado em determinadas zonas, dentro das estruturas ou nas suas proximidades.

Em termos metodológicos, todo o espólio foi registado por camada estratigráfica, quadrado, sector e dia, e, aquele que apresentava características mais significativas, foi coordenado tridimensionalmente, sendo tiradas, na maioria dos casos, altitudes absolutas.

Como é habitual neste tipo de estação, os materiais detectados incidem sobretudo no espólio cerâmico, tendo-se encontrado, até ao final da campanha, 210 fragmentos deste tipo de material e nenhuma peça completa.

8.3.1 - Cerâmico

A cerâmica que aparece no nível 1 é pouco representativa, tendo-se registado apenas doze fragmentos incaracterísticos e um bordo de perfil arredondado.

Ocorre nos quadrados B1, N0 e A1. Entre estes, partindo de uma visão macroscópica, temos uma cerâmica de fabrico micáceo, pouco depurada (4) ou um pouco mais depurada (7), compacta, de colorações acastanhadas, com cozeduras razoáveis a boas, em atmosfera redutora, acabamento por alisamento e de fabrico manual. Apresenta-se muito fragmentada e mal conservada, sem que seja possível definir formas ou retirar conclusões precisas de ordem cronológica. A decoração é nula.

Apareceram, ainda, dois fragmentos alaranjados, sendo, provavelmente, um de tégula e outro de uma peça de importação (dólio (?)).

Por sua vez, a cerâmica detectada no nível 2 é já relativamente representativa (em relação à área escavada), tendo-se registado um total de 181 fragmentos. Estes distribuem-se da seguinte forma: 163 incaracterísticos, 9 bordos, sendo 6 de perfil arredondado e 4 planos, 3 fundos planos e uma asa de fita.

Ocorre nos quadrados A4, B1, M1, AA0, A0, B0 e A5.

Partindo também de uma visão macroscópica, temos uma cerâmica de fabrico micáceo, maioritariamente de pasta pouco depurada e alguma mais depurada, compacta, de colorações acastanhadas (137), alaranjadas (14) ou negras (1).

O nível de cozedura é também variável, com supremacia do bom (143), existindo alguns razoáveis (7) e mesmo maus (2). A atmosfera dominante foi a redutora, havendo também indícios de oxidante.

O acabamento foi geralmente feito por alisamento interno e externo.

Apresenta-se muito fragmentada e mal conservada, sem que seja possível definir um leque de formas ou retirar conclusões precisas de ordem cronológica. A decoração é nula.

A maior concentração de vestígios cerâmicos verifica-se no Qd. A4, com 68 fragmentos, e no A0, com 73. Quadrados estes onde se encontram as estruturas referidas.

No A4 existe o provável "alicerce" de

estrutura, aparecendo estes materiais juntamente com muitas bagas.

Grande parte dos fragmentos apresenta uma ganga negra, pelo facto de terem sido expostos ao lume, pelo que muitos são fragmentos de peças com utilização culinária, especificamente de preparação de alimentos (tachos ou panelas).

Pela análise da pasta, coloração, espessuras e demais características dos fragmentos, julgamos estar na presença de doze a catorze peças, embora tenhamos apenas um bordo e um fundo.

No Qd. A0 referente ao interior da EST.1, foram detectados 75 fragmentos (58 no nível 2 e 17 no nível 3) a que acresce um fragmento de barro alaranjado.

O nível 2 caracteriza-se por uma cerâmica de pasta pouco depurada, de relativa boa cozedura, em atmosfera redutora e de tons acastanhados.

Aparecem alguns fragmentos de fabrico francamente micáceo (11). Trata-se, no geral, de fragmentos incaracterísticos, sendo apenas quatro de bordos – bordos esses de outras tantas peças.

No nível 3 (referente apenas a uma pequena sondagem de 0,5 x 0,5 m) foram detectados 17 fragmentos de pasta depurada, com boa cozedura em atmosfera redutora, de tons acastanhados. Embora a maioria seja incaracterística, temos quatro bordos que julgamos representarem 5 ou 6 peças.

No Qd. B0 (nível 2) detectaram-se 16 unidades, sendo onze de pança, um bordo e uma asa de fita, todos eles referentes à mesma peça. Esta tinha uma pasta depurada, de tom acastanhado escuro e boa cozedura em atmosfera redutora. O acabamento foi feito após a cozedura, apresentando-se brunida.

8.3.2 - Lítico

O espólio pétreo é pouco abundante, podendo-se apenas referir dois pequenos rebolos de mó manual nos Qds. AA0 (2) e A4 (2), em granito de grão médio, com as superfícies muito polidas.

Recolheram-se também duas lascas de quartzite, com vestígios de talhe, e uma hipotética base de sustentação de lamparina — Qd.

A4 (2), em granito de grão médio, de acabamento muito fruste, com pedúnculo de encaixe (dimensões: 20 x 15 x 4 cm).

8.3.3 - Metálico

O espólio metálico resume-se a dois fragmentos de bronze, provavelmente de peças diferentes, dada a profundidade a que foram encontrados (0,27 m e 0,58 m), e uma lâmina de ferro muito deteriorada — todos eles detectados no Qd. A0 e nos níveis 2 e 3.

Os fragmentos de bronze são de pequenas dimensões e de difícil interpretação quanto à sua forma inicial e funções.

A lâmina de ferro (profundidade de 0,65 m) apareceu fragmentada em três partes, faltando-lhe alguns milímetros na ponta e na parte referente ao encabamento. Atinge 10 cm de comprimento, 16 cm de largura máxima e 7 cm de largura mínima, com 2 cm de espessura. Tem o gume ainda relativamente definido.

8.3.4 - Vegetal: Sementes e Carvão

As sementes carbonizadas bem como os fragmentos de madeira carbonizada aparecem-nos em grande quantidade, possibilitando várias amostras para análise, quer para estudos de antracologia, como de datação (Carbono 14), em curso.

- Sementes

As sementes detectadas são em 99% dos casos de uma baga vegetal - a bolota.

Aparecem-nos no nível 2 e 3 (este ainda muito pouco escavado, apenas no Qd. A0 e numa pequena área de 0,5 x 0,5 m), em cinco quadrados (A4, B0, A0, A5 e AA0), e em grande quantidade, atingindo cerca de duas centenas.

A maior concentração de bolotas carbonizadas detecta-se no interior da EST.1 e da possível estrutura do Qd. A4.

Aparecem quer inteiras, quer fragmentadas, com vários tamanhos e a uma profundidade que varia entre os 0,27 e 0,60 m.

No Qd. A0, nível 3, foi encontrada apenas uma semente propriamente dita, de outro vegetal, de reduzidas dimensões, com o formato de uma minúscula cebola.

- Carvão

Tal como as sementes carbonizadas, os fragmentos de carvão vegetal aparecem-nos em

maior quantidade dentro da EST.1 (Qd. AO) ou nas proximidades da possível edificação do Qd. A4. Também são detectados no nível 2 e 3 (o nível 3 apenas no Qd. AO), em seis quadrados (B1, A4, B0, A0, A5 e AA0).

Apareceram com vários tamanhos e a uma profundidade que varia entre os 0,20 e 0,60 m, no nível 2, e 0,65 e 0,73 m, no nível 3.

9. MANUTENÇÃO E DIVULGAÇÃO DO POVOADO

Após o término da escavação no Sector A, local onde como vimos, foi detectada a única estrutura, procedeu-se à cobertura desta com um plástico reforçado por pedras.

Pretendemos, desta forma, defender o que resta da estrutura, para, logo que possível, fazer-se a sua consolidação e, possivelmente, reconstituição parcial.

No sentido da sua preservação, optámos por apenas escavar parte dela, para que, numa hipótese de destruição da parte escavada, amplamente documentada, se possa fazer mais facilmente uma reconstituição. Logo que se conclua a sua escavação esta será consolidada.

A manutenção é feita por trabalhadores da autarquia, sob a nossa orientação, sendo prioritário, neste momento, a distribuição de herbicida nos sectores intervencionados e na área envolvente.

O material exumado, após a sua lavagem, marcação, catalogação e registo em desenho e fotografia (em alguns casos), foi depositado no Gabinete de Arqueologia e Património da autarquia, com vista ao futuro Museu.

No sentido da divulgação turístico-cultural do habitat levaram-se a efeito palestras, sobre os dados adquiridos com as campanhas de escavação.

Igualmente no sentido de dar a conhecer à população e outros interessados os resultados obtidos, concederam-se várias entrevistas em rádios locais e regionais, elaboraram-se e publicaram-se várias notícias em jornais locais, regionais e nacionais, bem como no *Boletim Municipal* e em revistas da especialidade.

A campanha arqueológica efectuada neste povoado teve, pois, grande e positivo impacto

não só na população local e concelhia, como também nos órgãos de comunicação social concelhios, distritais e nacionais. Valorizou o património concelhio, divulgando-o, obstando a que aumente o seu grau de destruição, alertando a população para a defesa do seu património e para a importância do mesmo e possibilitando, ainda, um melhor conhecimento do passado da região.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este povoado é, sem dúvida, um monumento muito valioso, com características ímpares na região e no contexto da Proto-História Peninsular.

Foi possível confirmar a sua monumentalidade e detectar uma série de elementos inéditos que continuam a suscitar muitas dúvidas. O alargamento da área em escavação e a realização de sondagens noutros pontos que oferecem dúvidas, poderão permitir maiores conhecimentos e resolver dúvidas que, evidentemente, uma campanha desta natureza ainda não comporta.

Pela caracterização inicial que fizemos da ambiência geográfica, infere-se da relativa facilidade que teriam os povos habitantes deste povoado na obtenção de matérias-primas, por exemplo para a construção das estruturas. Aparentemente, houve uma boa escolha para a implantação do habitat, em local com bons recursos naturais, recursos esses que passam pela abundância hídrica, pela relativa proximidade de bons solos e, ainda, pelo fornecimento de matérias-primas, nomeadamente a pedra, o metal e o barro⁽⁴⁾. No caso do barro e do minério de ferro, praticamente não temos dúvidas, pois estes materiais têm sido encontrados na escavação. Tal ilação aplica-se também à pedra, uma vez que dela foi feita abundante extracção na área do povoado, como mencionámos.

(4) Ressalve-se, contudo, que estas ilações apenas poderão ser passíveis de terem algum fundamento caso as condições geográficas e geológicas actuais sejam de algum modo semelhantes às da época em causa.

Em suma, perante a análise dos dados que a escavação nos tem fornecido, podemos já coligir uma série de actividades económicas como a extracção e trabalho da pedra, a artesanía do barro e a metalurgia.

Foram certamente bastante valorizadas as condições de defesa naturais do local, para a implantação do habitat, embora tenha, ainda, sido necessário um grande investimento de tempo, matéria-prima e mão-de-obra para a construção das significativas linhas de defesa e do "torreão" central. Estes elementos permitem inferir da existência de uma significativa capacidade demográfica e uma coesão social resultante de uma organização social e económica elaborada.

Uma série de elementos parece apontar para este povoado uma cronologia antiga e uma fraca a nula romanização.

Em relação à área em escavação, propriamente dita, podemos mesmo referir que este povoado possui características de grande antiguidade, que a romanização é nula, tal como não existiram várias fases de ocupação. De entre os elementos que possuímos para fazer tal afirmação podemos enumerar: o tipo de cerâmica indígena, de fabrico manual e micáceo, que, pelo contexto e pelo estudo da pasta, nos leva a considerar a hipótese de ser caracterizadora da Fase II de A. Coelho⁽⁵⁾; o tipo de construção, de aparelho irregular, da estrutura 1, de fabrico muito rudimentar; a aparente falta de planeamento ou ordenamento urbanístico; a não detecção, até ao momento, de materiais romanos; o tipo de construção das linhas de defesa em talude e em pedra; a fraca potência estratigráfica e a coerência dos materiais encontrados.

Podemos ainda realçar o referido aparecimento de abundantes sementes que, após as devidas análises, nos podem fornecer indicações preciosas. De entre elas destaque-se o conhecimento, ainda que parcial, da flora que cobria o povoado e a área envolvente; a descoberta, por hipótese, de algumas espécies usadas na sua dieta alimentar e, ainda, a obtenção de uma visão aproximada das condições climáticas da época.

(5) Embora não tenhamos um estudo formático, visto os fragmentos que possuímos, muito fragmentados não nos permitirem definir um leque de formas, nem de usos.

11. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, José A. (1866). *Diccionario Abreviado de Chorographia*. III, Valença, 335.
- AZEVEDO, Pedro A. (1897). Extractos Archeologicos das Memórias Parochiais de 1758. *O Archeologo Português*, Lisboa, 3.
- CARDOSO, M. (1934). O Archeólogo Martins Sarmento e o Distrito de Viana do Castelo. *Arquivo de Viana do Castelo*, 1.
- CORREIA, J. (1957). *Cidades e Vilas de Portugal. Paredes de Coura*. V. N. de Famalicão.
- COSTA, Antonio C. (1706). *Corografia Portuguesa*. Tomo I, Lisboa, 261-263.
- CUNHA, Narcizo A. (1979). *No Alto Minho. Paredes de Coura*. 2ª Ed. Paredes de Coura, (1ª Ed., Braga, 1909), 131 e 132.
- DIAS, Eduardo R. (1903). *Noticias Archeologicas extrahidas do Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa, 128.
- LEAL, P. (1876). *Portugal Antigo e Moderno*. VIII, Lisboa, 242.
- M.H.O.P. - D.G.P.V. (1978). Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, nº81, Porto.
- MOITA, I. (1966). A Toponímia castreja. Distribuição e significado. *Lucerna*, Porto, 5, 526 a 549.
- OLIVEIRA, A.C. (1976). *Terras de Coura*. Póvoa de Varzim, 13, 21 e 96.
- PEREIRA, Félix A. (1924). Rascunho de Velharias de Entre Lima e Minho. *O Archeologo Português*, 26, Lisboa, 251-282.
- SILVA, Armando. C. F. (1986). *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. M.A.C.S., Paços de Ferreira, 71 (Nº 55).
- SILVA, M. Fátima Matos. (1991). O Povoamento Castrejo em Paredes de Coura. *Boletim Municipal*, 3, Paredes de Coura.
- (1991b). Considerações sobre a Consolidação e Restauro do Espaço Castrejo. *Revista de Ciências Históricas*, 6, Porto, 55-68.
- TEIXEIRA, C. (1961). *Noticia Explicativa da Carta Geológica de Portugal*, folha 1C (Caminha, 1962). Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.
- VIANA, A. (1926). Através do Minho II - A exploração metódica dos nossos Castros. *Gente Minhota*, nº 6, 89.
- (1932). Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho. *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, nº 1, 161.
- VIEIRA, J. A. (1987). *O Minho Pitoresco*. Valença, reedição, 121-122.





Foto 3 – Panorâmica geral dos trabalhos no sector A.

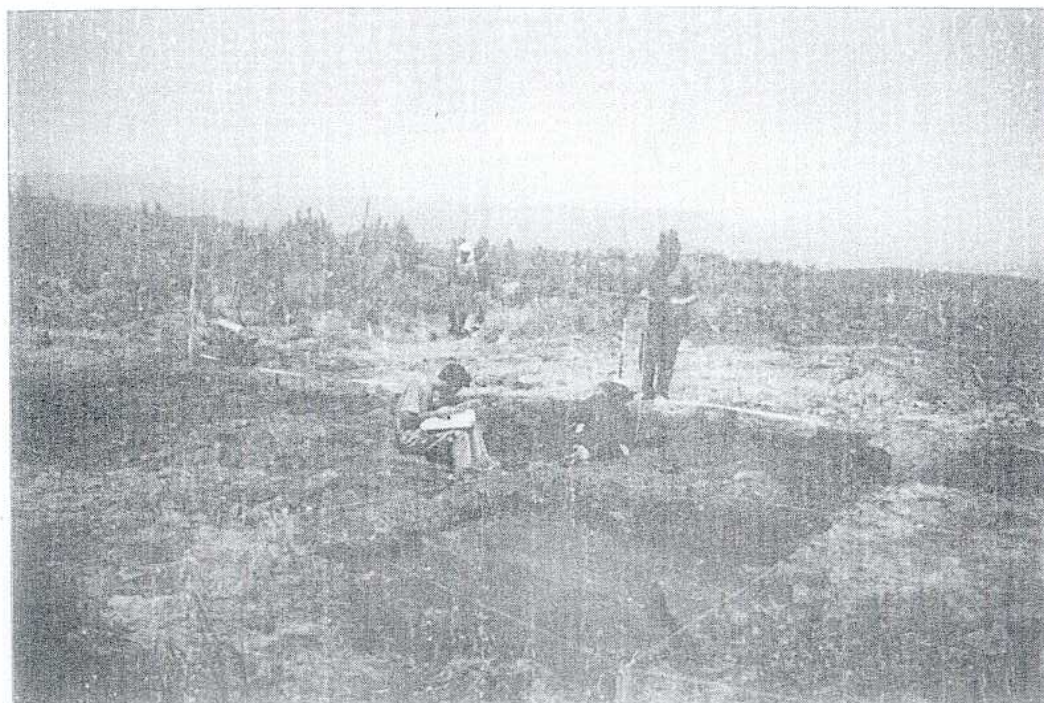


Foto 4 – Desenho e estudo do perfil estratigráfico 1A.

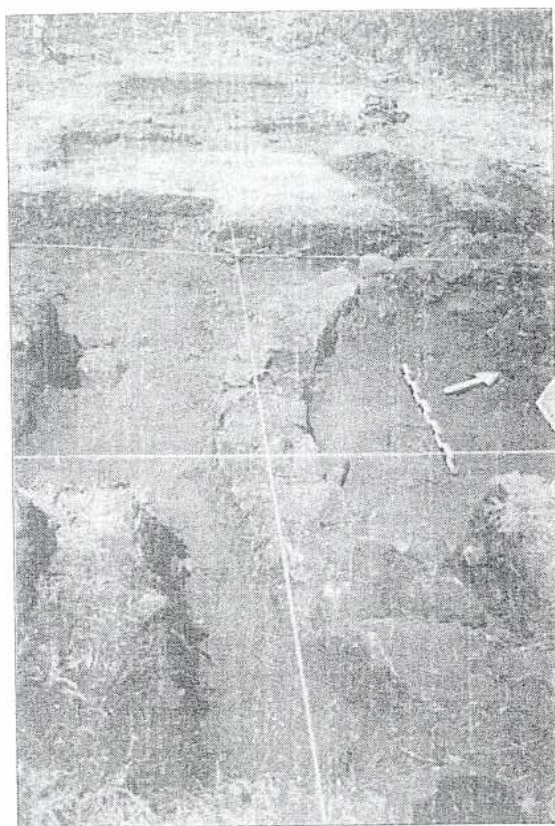


Foto 5 – Pormenor da estrutura 1 no final da campanha de 1993.

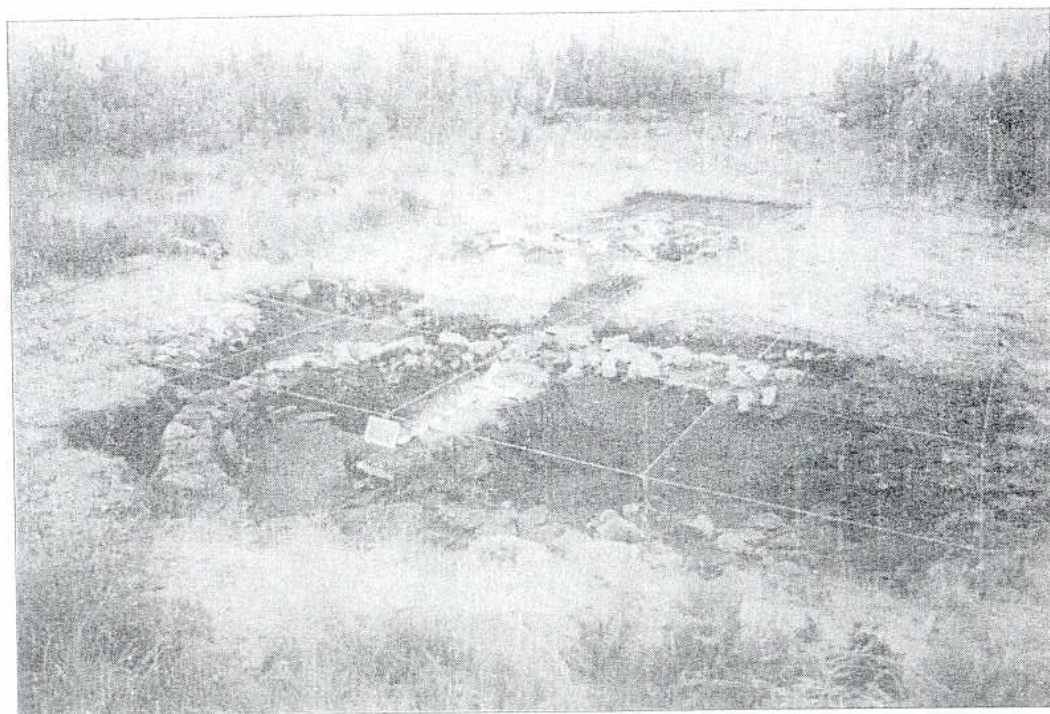


Foto 6 – Sector A no final da campanha de escavações de 1993.